



## **“INSTRUIR, EDUCAR, VIGIAR E PUNIR: O PATRONATO AGRÍCOLA VISCONDE DA GRAÇA (1923-1934)”**

**VICENTE, Magda de Abreu<sup>1</sup>; AMARAL, Giana Lange.<sup>2</sup>**

*<sup>1</sup>Mestranda FAE/UFPEL-magdabreu@gmail.com;<sup>2</sup>Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> da FAE/UFPEL-giana@ufpel.tche.br*

### **1.INTRODUÇÃO**

O Patronato Agrícola Visconde da Graça foi criado no ano de 1923 e hoje possui a denominação de Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça sendo parte integrante da Universidade Federal de Pelotas. Sua criação, na cidade de Pelotas, foi um esforço da elite pelotense junto ao então Ministro da Agricultura, o pelotense Ildelfonso Simões Lopes que era filho de João Simões Lopes Filho, o Visconde da Graça, originando o nome da instituição posta em sua homenagem. Este estudo ainda está em andamento na linha de História da Educação do curso de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Giana Lange do Amaral.

Estes Patronatos tinham por função receber alunos oriundos da zona rural e zona urbana. Da zona rural a principal intenção era a adequação da força de trabalho ao fomento agrícola e da zona urbana objetivava orientar e enquadrar os órfãos e “desvalidos da sorte” com o objetivo de ajeitá-los dentro da sociedade burguesa de modo que não se tornassem uma ameaça à população citadina e também de modo que não atrapalhassem a nova orientação trabalhista que agora utilizava mão-de-obra livre, no início da República e logo em fins do Império, pois estes Patronatos (no Brasil foram abertos 17 ao todo e somente dois no RS) foram criados no início do século XX. A maioria dos alunos do Patronato Agrícola Visconde da Graça eram órfãos de pai, mãe ou ambos. Poderiam também ser originários das ruas, isto é, não terem moradias fixas, e julgava-se que se enquadrariam na conformação social da força de trabalho que, de acordo com OLIVEIRA (2003), mostrava que o estabelecimento dos patronatos trazia a tona o debate sobre a inserção da infância pobre no mercado de trabalho, portanto, enquadrar àqueles que estavam fora do mercado de trabalho também era uma forma de ajustá-los as necessidades trabalhistas da época em questão. Nesta instituição os alunos eram recebidos para serem iniciados nos estudos e nela se instalavam desde a infância, geralmente entre oito e 10 anos, permanecendo na escola em regime de internato por mais de dez anos. Como esta pesquisa ainda não terminou, os dados ainda estão sendo coletados e as informações ainda são preliminares, porém a intenção maior é entender o cotidiano destes meninos, em sua maioria carentes e vivendo longe das famílias e do abrigo de um lar. No ano de 1934 o Patronato passou a

chamar-se Aprendizado Agrícola, justificando aqui a escolha do recorte temporal para esta pesquisa.

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

Nesta pesquisa serão utilizados como fontes os documentos escritos e iconográficos encontrados no acervo da escola e entrevistas. Lá me deparei com as fichas dos alunos, desde a época de criação desta instituição até atualidade, todas muito organizadas em arquivos e pelo número de cada aluno, que é recebido ao fazer sua inscrição. Serão ainda catalogadas e pesquisadas mais de 100 fichas de alunos, todas referentes ao recorte temporal escolhido. Também serão analisados os livros presentes no arquivo morto da escola (este arquivo estava desorganizado e foi necessário que eu o organizasse para poder utilizá-lo) referentes às correspondências expedidas e também a entrada e saída de materiais: roupas, alimentação e materiais em geral bem como o acervo de fotos e entrevistas realizadas com funcionários, professores e alunos deste período ou com seus familiares. Até o momento foram feitas 1 entrevista com Sr<sup>a</sup> Therezinha Jerlach Alves, esposa do falecido ex-aluno do patronato, Paulino Moura Alves, que entrou para lá aos seus oito anos, no ano de 1923, permanecendo até os 18 anos.

A metodologia para as entrevistas será a história oral. Vários são os métodos possíveis de serem utilizados no momento da entrevista. QUEIROZ (1988) acha fundamental classificar a entrevista de acordo com o objetivo da pesquisa. Assim, diferenciam-se os depoimentos, histórias de vida, biografias e autobiografias. Na história de vida, o entrevistador interferirá o mínimo possível na conversa, sendo necessárias várias visitas até que se esgote a conversa, neste caso até mesmo a falha de memória do entrevistado poderá significar algo importante, tendo o pesquisador a sensibilidade para desvendar as significações destas lacunas junto ao meio em que este está inserido, pois algum fato histórico como guerras, são exemplos de coisas que talvez não queiram lembrar. Neste caso utilizaremos a entrevista semi estruturada. O cruzamento do acervo documental é importante para revalidar e elucidar importantes colocações que possam vir a serem feitas nas entrevistas. Conforme Brandão (2007, p. 133) este cruzamento de informações possibilitará uma melhor elucidação dos acontecimentos. As fichas dos alunos, serão utilizadas para o entendimento do perfil sócio-econômico-cultural daqueles que iam para escola. A partir delas poderemos transformar em gráficos importantes informações relacionadas ao cotidiano e perfil dos alunos do Patronato pois nelas constam dados referentes ao grau de alfabetização, comportamento nos anos em que residiu na escola, filiação, ficha de avaliação física, média escolar anual e por disciplina e também seus traços físicos bem como ofício do juiz que autorizou a entrada e saída dos menores na escola. Os livros de correspondências expedidas servirão como importante fonte para sabermos aquilo que muitas vezes, os documentos oficiais, em sua maioria, não deixam transparecer, pois ali encontra-se tudo que era expedido e necessitado pela escola. Outras duas fontes serão os relatórios anuais e as fotografias, porém estas serão utilizadas somente como ilustrações. Tentaremos confirmar ou rechaçar, através destas fontes, o imaginário popular pelotense, quando se dizia: “cuidado que te mando para o patronato”!

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este estudo visa estudar este Patronato com a intenção de perceber o cotidiano e os motivos reais que levavam especificamente os pelotenses e as autoridades locais a colocarem seus alunos nesta instituição escolar. Para LOPES

Os tais seres concretos da história, da história da educação, são seres sexuados e em relação de classe, de gênero, de raça, de idade, sem nenhuma preferência pela ordem em que se diz isso. Além disso, uma das formas de se perceber a concretude da sua inserção é, sem dúvida, pensar esses seres sexuados, etc., em um dado cotidiano. A contemporaneidade do historiador, mas também de suas fontes, está imersa no cotidiano. Perceber a história, construir a história sob essa ótica é uma forma de escapar à lógica da dominação, e a uma história da perspectiva dos dominantes. (LOPES, 1994, p.24)



Aspecto de uma sala de aula em 1924-Retirado do acervo escolar.

No Rio Grande do Sul a crescente industrialização muda os ares das cidades. Cidades como Pelotas, vivem o dia a dia dos aglomerados urbanos e dos chamados “cortiços”. As necessidades de organização do espaço urbano por parte do poder público crescem ao mesmo tempo em que crescem as dificuldades para a sociedade que não está enquadrada no trabalho das fábricas ou qualquer outro que seja digno da conduta que exige agora a burguesia. Assim para PESAVENTO (1995) o processo de êxodo rural no RS foi mais lento, porém havia muito forte as migrações cidade-cidade que contava também com os excedentes da abolição da escravidão. Esse contexto citadino também é vivenciado na cidade de Pelotas que padece das mesmas carências do resto do estado com relação ao crescimento da cidade e as condições precárias de higienismo e saneamento básico. Essas características serão marcantes para a formação do Patronato Agrícola na cidade de Pelotas pois muitos dos alunos que ali se instalaram eram crianças pobres, órfãs e oriundas das cidades do interior. Muitos vinham fugidos

do interior para a cidade de Pelotas, onde julgavam conseguir emprego e uma vida melhor e mais digna. Isso acarretava a chegada de famílias com muitos filhos e com uma pobreza evidente. O que fazer com esses filhos dos quais não podiam sustentar? No depoimento de Therezina Jerlach Alves de 81 anos, mulher de Paulino Alves fica evidente essa questão, pois este saiu de Pinheiro Machado, com a mãe que carregava 5 filhos porque o pai tinha sido assassinato nas disputas por terras, no ano de 1923. A mãe vendeu todas as terras “por ninharia” e veio de carroça com os filhos passando temor na viagem pelo medo das tropas que estavam em disputa na Revolução de 1923. Ao chegarem à cidade os dois menores de idade, mas com idade suficiente para entrarem no Patronato, são colocados no mesmo. O medo da sociedade burguesa deste período era o de que as pessoas não trabalhassem. Muitos cortiços, casas de jogos, “puteiros” surgiam como forma de suprir as necessidades urbanas; estas instituições eram condenadas no período porque ameaçavam à moral e os bons costumes e a única saída seria fazer com que estes fossem habilitados ao trabalho que “nobilitava, engrandecia: é a riqueza, a virtude, é a felicidade” (PESAVENTO, 1995, p. 62).

#### **4. CONCLUSÕES**

A dificuldade de permanecer dentro da escola, como possibilidade de vida, é algo bastante conhecido pelo imaginário popular e também institucional, pois ali os alunos sofriam variadas punições e castigos e eram obrigados ao trabalho agrícola, nas oficinas de carpintaria e marcenaria. Para crianças, esse seria o período de brincar e não de passar por um regime tão forçado de conduta, condicionamento social, educação e trabalho. Podemos notar, através da própria foto acima que as instalações não eram as mais adequadas e nem seus rostos pareciam os mais contentes. Através do acervo iconográfico, bibliográfico e oral, identificamos que estes alunos levantavam às 5h da manhã, faziam todas as atividades referentes à higiene das instalações e também eram obrigados a tomarem banhos frios. A maior característica da rigidez deste regime é à sua própria identificação: por números. Lá ao invés de serem identificados por nomes são, até hoje, identificados por números, prática advinda dos tempos de regimes ditatoriais o que justifica o título deste trabalho, um lugar onde eram bastante vigiados e caso não seguissem fielmente as normas impostas também seriam rigidamente punidos. Porém, deveriam ser instruídos para uma força de trabalho que viesse a substituir o trabalho escravo e forçado, assim a educação era um bom casamento com o regime Patronal.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- LOPES, Eliane Marta Teixeira. Tendências Teórico-Methodológicas de pesquisa em História da Educação. Série Documental: Eventos, n.5, maio/1994.
- OLIVEIRA, Milton Ramon Pires de. Formar cidadãos úteis: Os patronatos agrícolas e a infância pobre na Primeira República. Bragança Paulista, 2003.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: Do “Indizível” ao “Dizível”. In: Von Simson, Olga de Moraes. (org). Experimentos com Histórias de Vida. Vertia, São Paulo, 1988.

SANDRA, Sandra Jatahy. O cotidiano da República: elite e povo na virada do século.  
Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 3ª ed. 1995.  
Entrevista: Terezinha Jerlach Alves